



Premio Latinoamericano de Periodismo de Investigación 2018

REPORTAGEM: “O Mapa da Fome do Brasil”

Data de exibição: 22/02/2018

Veículo: Rede Record de Televisão

Programa: Câmera Record - <https://noticias.r7.com/camera-record>

Equipe:

Daniel Motta: Repórter e produtor

Fabiana Lopes: Editora

Tiago Américo: Repórter

Wesley Sales: Repórter

Mayolly Senna: Repórter Cinematográfico

Leopoldo Moraes: Repórter Cinematográfico

Rafael Ramos: sonorização

Renan Laranjeira: sonorização

Rafael Gomide: chefe de redação

Gustavo Costa: editor executivo

Pablo Toledo: editor chefe

Mateus Munin: chefe de produção

Renata Garofano: chefe de reportagem

REPRESENTANTE DA EQUIPE

Nome: Daniel Mota

Endereço: Rua da Várzea, 240, Barra Funda, São Paulo, SP. Cep: 01140080

Telefones: +55 11 3300 5670 - + 55 11 952943219

E-mail: dmota@recordtv.com.br

Credenciamento profissional: 3142

Breve currículo:

É produtor e repórter investigativo do Núcleo de Reportagens Especiais da Rede Record em São Paulo desde agosto de 2014. É bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Produz documentários especiais principalmente com foco nos direitos humanos. Já foi enviado para produções em outros países como Nova Zelândia, Venezuela, Paraguai e Bolívia. Seus trabalhos abordam especialmente assuntos relacionados ao crime organizado, violação dos direitos humanos, trabalho escravo, trabalho infantil, tráfico de drogas e armas, tráfico de pessoas, refugiados, desigualdade social, questões agrárias e indígenas e violência urbana e no

campo. Já participou de um treinamento da Thompson Reuters Foundation e Pulitzer Center. Já colaborou com produção para a Reuters.

RESUMO DA REPORTAGEM “O MAPA DA FOME DO BRASIL”

Em uma investigação exclusiva sobre a fome no país, os repórteres Daniel Motta, Wessley Sales, Tiago Américo, Leopoldo Moraes, Mayolly Sena e a editora Fabiana Lopes ouviram especialistas e instituições renomadas, tiveram acesso as pesquisas mais recentes e revelam o rosto e as histórias de quem sobrevive com menos de 150 reais por mês. De 2014 para cá, a crise econômica fez dobrar o número de pessoas em condição de miséria extrema, segundo o IBGE. Quatro anos atrás, 7 milhões de brasileiros não tinham o que comer. Hoje, mais de 13 milhões passam fome no Brasil.

De acordo com a fundação Getúlio Vargas, a fome tem endereço certo: negros, nordestinos, pessoas da zona rural ou das periferias das grandes cidades, com baixo nível escolar, e afeta principalmente as mulheres.

Os pesquisadores destacam também o responsável pelo empobrecimento da população brasileira: a recessão econômica, que perdura há quatro anos. Com a crise, vem o desemprego, a diminuição na arrecadação de impostos, corte dos gastos públicos e dos programas sociais. Tudo isso colocou o país, mais uma vez, no mapa da fome da Organização das Nações Unidas, a ONU.

Melgaço fica bem isolada, a 16 horas de barco da capital Belém no Estado do Pará. É considerada pela ONU como a cidade com o menor índice de desenvolvimento humano do país. O IBGE afirma que quase a metade dos 27 mil habitantes é extremamente pobre. E mais de 25 mil não têm emprego. A imensa maioria vive sem água potável, sem luz elétrica e sem saneamento básico. O hospital mais próximo fica a duas horas de barco. Mas a situação mais grave afeta as meninas, filhas de ribeirinhos. Elas são exploradas de todas as maneiras, em troca de comida. Tivemos acesso a imagens e dossiê exclusivos sobre a violência contra a criança e adolescente no rio Tajapurú, que corta a cidade de Melgaço.

Em um dos vídeos, uma menina de 11 anos é encontrada pela polícia escondida numa balsa. No depoimento, ela confirma que já tinha subido várias vezes no barco e que mantinha relação sexual com um homem da tripulação. "Toda vez eu tinha relação com ele. Ele me dava cem reais e mercadoria". "A fome, a miséria extrema, são coisas corriqueiras dentro desses rios. É o que acaba tornando essas populações vulneráveis a toda sorte de violação dos direitos", aponta o promotor Thiago Pereira. A reportagem revela também como as chamadas "balseiras" ignoram qualquer perigo nos rios para conseguir comida.

Para se chegar em Guaribas, da capital Teresina no Estado do Piauí, é preciso enfrentar quase 10 horas de asfalto e terra. Há 15 anos, a cidade foi símbolo do lançamento do programa Fome Zero. Era a cidade mais pobre do Brasil, à época. Desde então, teve um pequeno período de prosperidade, mas, segundo o IBGE, voltou a figurar entre as mais famintas do país. Metade da sua população de 4.489 pessoas é extremamente miserável. Tem renda média de 162 reais e 95% dos habitantes dependem do bolsa família.

"Houve uma concentração de ações do governo em Guaribas na época, isso, todavia, não foi suficiente para gerar um circuito local de produção e consumo virtuoso", assume José Graziano, coordenador do Fome Zero em 2003 e hoje diretor geral da ONU para agricultura e alimentação.

Em Guaribas, a falta de comida separa famílias, que busca uma vida melhor em outro lugar. É onde, também, a mãe assiste, sem chance de fazer absolutamente nada, a

filha morrer de fome. Maria jamais vai esquecer o rostinho da filha Gilmara. "Ela era bem bonitinha, tinha seis anos, do cabelo ruinzinho, o coração dói", lembra-se, com os olhos cheios de lágrimas. Nossa equipe também denuncia como alguns comerciantes se apropriam do bolsa família de outras pessoas, fazendo com que elas fiquem penduradas em dívidas e sequer saibam quanto ganham no cartão, por mês.

Não é só nos rincões, nos lugares mais afastados, mais escondidos do Brasil, que a fome ameaça vidas. Pelo contrário, ela chega cada vez mais perto das grandes cidades. Japeri, na Baixada Fluminense, é um exemplo disso. O dinheiro literalmente corre ali: milhões em petróleo cortam a cidade. Em 2017, recebeu mais de 14 milhões em royalties de petróleo. Só que somente 9 mil pessoas de 101 mil habitantes estão empregadas, de acordo com o último levantamento do IBGE. Mendigar para se alimentar não é incomum por lá. Registramos muitas pessoas pedindo esmolas nas ruas.

"As regiões metropolitanas, que no Brasil sempre foram o grande motor do crescimento econômico nas últimas décadas, deixaram de ser geradoras de emprego. Além disso, existe uma famosa maldição do petróleo em que recursos vindos de exploração de recursos naturais, eles acabam sendo mal aplicados", diz Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Para alimentar os quatro filhos, Dona Dalva, de 51 anos, pede comida na porta dos presídios. "Comida que muitas vezes os presos não querem, a gente vai atrás", revela a catadora de recicláveis. Os repórteres do programa mostram também como jovens, com filhos recém-nascidos, enfrentam a fome na periferia da cidade.

Para produzir a reportagem, a equipe precisou investigar por um período de três meses. Viajamos para os lugares mais isolados do país onde ficam as cidades mais pobres. Fizemos contatos com órgãos e entidades como Ministério Público, Polícia Federal, Ministério Público Federal, Ministério Público do Trabalho, Organização das Nações Unidas e Fundação Getúlio Vargas. Levantamos dados, denúncias, notícias acerca da corrupção nas cidades e da exploração sexual de crianças em troca de comida. Fomos em busca das vítimas e das autoridades em busca de resposta para a miséria no Brasil.

Após a reportagem, o governo procurou investir mais em políticas públicas para a população que está em situação de miséria. A polícia instaurou investigações para descobrir quem explora as crianças e o Ministério Público investigou os crimes também.